

Desertores da Renamo combatem integrados nas FAM na Zambézia

Desertores da Renamo, alguns dos quais de alta patente, e com influências no seio da hierarquia deste grupo armado, combatem na Zambézia integrados no Exército governamental moçambicano contra aqueles que num passado não distante foram seus colegas, para, conforme disseram, "o restabelecimento da melhoria da situação militar da província".

N. 5/3/92

Deste fenómeno, o nosso colaborador em Quelimane cita dois exemplos, "os mais evidentes", segundo ele. São os casos de Tomás Tirano e de Domingos Vontade, que lhe disseram que depois de se entregarem às autoridades, "e sem nenhuma imposição, auxiliámos o Exército governamental na destruição em 22 de Fevereiro último, da base de "Mabadane", até então um dos principais aquartelamentos da Renamo, na Zambézia".

"Mabadane", ou simplesmente "Morais", constituía uma das bases da Renamo na região de Namacurra, a cerca de 70 quilómetros da cidade de Quelimane, e era considerado "centro de formação e de preparação político-militar" daquele grupo armado. Era também a partir desta base que eram planificadas todas as incursões banditescas, "para bloquear o troço Namacurra/Mocuba", segundo revelou Tomás Tirano.

Segundo acrescentou, foi aqui, nesta base, que ele e seu colega Domingos Vontade receberam seus treinos militares, para mais tarde serem incluídos nos grupos operacionais que se encontram a espalhar o terror no seio da comunidade indefesa da província da Zambézia.

De acordo com as suas declarações, quando da sua fuga do local, a base "Mabadane", nome de um régulo da zona, albergava cerca de três mil homens.

Entretanto, fontes oficiais reivindicam a morte de quatro elementos da Renamo, durante o ataque e consequente ocupação de "Mabadane" pelo Exército governamental, para além de ter sido capturado ao inimigo diverso material bélico, em que se destacam três peças de morteiro. Centenas de camponeses civis e indefesos que viviam compulsivamente com a Renamo na referida base foram libertos.

As fontes do nosso colaborador em Quelimane disseram ainda que se tem registado nas hostes da Renamo estacionadas na Zambézia deserções em massa. Nas últimas duas semanas, por exemplo, foram registados seis casos de deserção com os elementos fugidos a entregarem-se às autoridades governamentais com as suas respectivas armas, acompanhados também por vários camponeses civis que viviam no cativeiro da Renamo.

O desespero e o cansaço de viverem no mato, para além das condições precárias de vida em que se encontram, são algumas das razões

apontadas pelos desertores como sendo os principais motivos que forçaram a sua deserção.

Depoimentos colhidos pelo nosso colaborador em Quelimane junto de elementos fugidos da Renamo e que apontam igualmente o agravamento da situação logística como estando na origem da crise em que se encontra o movimento na Zambézia, referem por outro lado que neste momento pelo menos quinze elementos da Renamo fogem diariamente das suas unidades em direcção às zonas sob controlo das autoridades governamentais. Mais de 50 deserções da Renamo foram registadas na Zambézia desde o início do mês de Fevereiro último.

Notícias dizem, entretanto, que enquanto se verificam estas deserções, a Renamo procura, a todo o custo, organizar-se politicamente.

Jorge Vasco Jone, jovem de Caia, em Sofala, que permaneceu algum tempo nas hostes da Renamo, referiu, com efeito, que a par desta organização política, aquele grupo armado procura, por outro lado, "lançar alguns dos seus elementos para algumas instituições de direcção governativa".

Este jovem, capturado pelo Exército governamental em Janeiro último na região de Chitambo, Zambézia, depois de ferido, disse que na Renamo desempenhava as funções de guardacostas de um tal coronel Henriques Faria, e que alguns elementos da

hierarquia militar deste movimento foram chamados para missões de "alternativas de governação".

Apontou o caso de um tal Alfaca, nomeado para chefe da administração interna no interior da Zambézia, cargo que se assemelha à do governador provincial. Entre outros nomes evocados pelo jovem Jorge Vasco Jone figuram os de Elias Dlakhama, aparentemente parente do actual chefe da Renamo e de uma tal Helena.

Jorge Jone foi um dos sobreviventes do combate que permitiu às FAM a retomada da região de Chitambo, no distrito de Milange. Segundo declarações deste elemento, confirmadas depois por fontes independentes, tratou-se de um combate em que a Renamo se encontrava na sua máxima força, pois, para além da presença e envolvimento do coronel Henriques Faria e do major Campira, nele participaram também três comandantes de sectores.

Fontes independentes do nosso colaborador reivindicam a morte de todos aqueles oficiais, mas Jorge Vasco confirma apenas a morte do seu coronel Henriques Faria e um dos comandantes sectoriais, pois, antes de ser capturado pelo Exército governamental perdera conhecimento em consequência de ferimentos contraídos durante o combate.

A Renamo, segundo declarações de Jorge Jone, tem fortes intenções para retomar a sede do distrito de Milange, para ali constituir o seu estado-maior que coordene as suas actividades na zona norte do país, o qual funciona agora em Mongola, depois de ter sido escorraçado de Chitambo.